



Discurso e psicose: contribuições para a prática clínica

Discourse and psychosis: contributions to the clinical practice

Fernanda Arioli Heck^[a], Marta Regina de Leão D'Agord^[b]

Resumo

O artigo relata uma investigação sobre as transformações na leitura psicanalítica do discurso e suas relações com a conceituação de psicose no transcorrer das elaborações de Jacques Lacan. Primeiramente, Lacan propõe que o discurso aparece na articulação diacrônica dos significantes. Mais adiante, afirma que na psicose há ruptura do discurso no momento do atravessamento da cadeia inferior do Grafo do Desejo, de modo que o sujeito não ascende ao desejo. O artigo problematiza a referência de Lacan em *O aturdido* ao fora-do-discurso da psicose. É indagada a pertinência de entender o fora-do-discurso como fora dos quatro discursos, isto é, como impossibilidade de ocupar o lugar de agente do discurso devido à insustentabilidade do semblante. Como resultado da investigação, encontra-se uma contribuição para a psicopatologia, fundamentada em uma clínica não mais fundada exclusivamente no olhar sobre os fenômenos elementares, mas que preconiza a escuta do sujeito em sua relação com o Outro, isto é, com o discurso.

Palavras-chave: Psicose. Discurso. Psicanálise. Inconsciente. Clínica.

Abstract

*The article reports a research on the changes in psychoanalytic reading of the discourse and its relationship with the conceptualization of psychosis during the course of the elaborations of Jacques Lacan. First, Lacan proposes that the diachronic discourse appears in the articulation of signifiers. Further on, he states that in psychosis there is a rupture in the discourse upon crossing the bottom of the chain of the Graph of Desire, so that the subject does not rise to the desire. The article discusses the reference of Lacan in *L'etourdit* to the out-of-discourse of psychosis. It questions the relevance of understanding the out-of-discourse as outside the four discourses, i.e., as the impossibility of occupy the place of agent of the discourse due to the unsustainability of the semblant. As a result of the research is a contribution to psychopathology, based on a clinic no longer based solely on the look of the elementary phenomena, but that advocates the listening of the subject in its relation with the Other, i.e., with the discourse.*

Keywords: Psychosis. Discourse. Psychoanalysis. Unconscious. Clinic.

^[a] Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail: ariolifer@gmail.com

^[b] Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS - Brasil, e-mail: mdagord@terra.com.br

Recebido:
Received:

Aprovado:
Approved:

Introdução

Quando falamos, nós nos identificamos com quem enuncia se acolhermos os efeitos de nossa fala. Isso significa se implicar no discurso. Mas seria possível não se implicar no discurso? Para a escuta clínica, a posição discursiva cumpre a função de um instrumento para as primeiras entrevistas. A leitura psicanalítica do discurso sofreu transformações no decorrer das elaborações lacanianas, desde a admissão do termo discurso para a psicose, no contexto do *Seminário 3: As Psicoses*, até a referência de Lacan (1973/2003, p. 492) ao “fora-do-discurso da psicose”, em *O aturdo*. Na sequência do artigo, são investigadas as consequências da impossibilidade de aplicação do matema dos quatro discursos para pensar a estrutura psicótica, uma vez que não podemos falar em sujeito dividido pela operação de castração. Por fim, são introduzidas consequências dessa leitura da psicose em relação ao discurso para o tratamento, enfocando a posição do analista e acrescentando outros dispositivos de trabalho com a psicose além do consultório do psicanalista.

Transformações no entendimento de discurso nas elaborações psicanalíticas

A noção de discurso perpassa toda a obra de Lacan. Já no *Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud*, o discurso foi definido como o “enunciado pleno, aquele em que não há somente um verbo, mas um sujeito, um nome”. (Lacan, 1953-1954/1986, p. 283). No contexto do *Seminário 3: As psicoses*, a consideração das alterações da linguagem na psicose que caracterizam os fenômenos elementares conduziu Lacan a admitir a utilização do termo discurso para a psicose. Este afirma que “é a economia do discurso, a relação da significação com a significação, a relação de seu discurso com o ordenamento comum do discurso, que nos permite distinguir que se trata do delírio” (Lacan, 1955-1956/2008, p. 45).

Na psicose não há mediação simbólica entre o sujeito e o outro, do que resultaria a possibilidade de estabelecimento de pacto, laço, que pressupõe que ambos sejam reconhecidos. É na forma como o sujeito se posiciona em relação ao Outro (desconhecido para o sujeito) e ao outro (conhecido, posto que é equivalente ao eu, é especular) que toda a dinâmica da construção do delírio pode ser situada. A

esse respeito, Lacan (1955-1956/2008, p. 65) esclarece: “aqui, entendo por discurso inclusive os atos, os encaminhamentos, as contorções dos fantoches presos do jogo, e o primeiro é você mesmo”. A referência aos “fantoches” é alusiva ao outro especular, que fala, e no qual ressoa a mensagem que é do sujeito. Assim, na psicose o sujeito recebe do outro sua própria mensagem de forma direta, sem desvio pelo Outro, que permitiria o reconhecimento Simbólico.

Lacan, nesse momento, apresenta-nos um entendimento bastante influenciado pela linguística de Saussure. Compartilha da ideia de que há um conjunto sincrônico, que é “a língua enquanto sistema simultâneo de grupos de oposições estruturados” (Lacan, 1955-1956/2008, p. 68), e há também o discurso, que se articula diacronicamente no tempo. A esse respeito, Lacan (1955-1956/2008, p. 69) acrescenta que

não há discurso sem uma certa ordem temporal, e conseqüentemente sem uma certa sucessão concreta, mesmo se ela é virtual. [...] Mas não é de todo exato que seja uma simples linha, é mais provavelmente um conjunto de várias linhas, uma ninhada. É nesse dia-cronismo que se instala o discurso.

Podemos depreender dessa passagem, primeiramente, que o discurso aparece na articulação diacrônica dos significantes que se prolonga no tempo; essa definição isolada não nos permite distinguir claramente o discurso do encadeamento da linguagem como tal. Mas, para Lacan (1955-1956/2008), discurso e linguagem não se equivalem: na psicose, o sujeito fala a mesma linguagem que nós, porém é por intermédio do discurso que podemos identificar que se trata de um delírio. A proposição da existência de um conjunto de várias linhas antecipa construções posteriores de Lacan, como o Grafo do Desejo em que temos a cadeia inferior (do enunciado) e a cadeia superior (da enunciação).

Essa construção de uma estrutura com várias linhas de significantes possibilita, ainda, situar operações como a metáfora (em que o significante de uma cadeia é substituído por outro, que proveio de outra cadeia) e a metonímia, que conduz ao deslizamento dos significantes um após o outro (na diacronia), de modo que estes só se definem por sua relação com os demais. Lacan (1955-1956/2008, p. 69) continua:

O significante como existindo sincronicamente é suficientemente caracterizado na fala delirante por uma modificação que destaquei aqui, a saber: alguns de seus elementos se isolam, tornam-se pesados, ganham um valor, uma força de inércia particular, carregam-se de significação, simplesmente de uma significação.

Aqui já aparece algo do funcionamento da cadeia significante na psicose. Temos que os significantes são tomados sincronicamente, ao mesmo tempo, sem intervalo entre um e outro, de modo que a significação a que remetem adquira fixidez. Daí a certeza que aparece na significação que compõe o núcleo do delírio e que serve de mote a toda construção delirante posterior. Lacan (1955-1956/2008) vai distinguir, ainda, três esferas da fala, a saber: o Simbólico, representado pelo significante em sua articulação com os demais significantes, o Imaginário, em que temos a significação, que é evanescente, pois remete sempre a outra significação, e o Real, que é o discurso, realizado em sua dimensão diacrônica. Conseqüentemente, o discurso refere-se ao que desemboca do significante no Real, que está para além da significação. Há, ainda, outra acepção de discurso, relativa à união do significante com o significado: “entre o significante e a significação, há realmente uma relação, que é aquela que fornece a estrutura do discurso”. (Lacan, 1955-1956/2008, p. 183).

Sob essa perspectiva, a fala na psicose também é um discurso, posto que se produz na diacronia do encadeamento significante. Entretanto, nessa diacronia os significantes são tomados sincronicamente, sem intervalo no qual o sujeito possa emergir em sua afânise, dividido entre os significantes. Na neurose, o discurso articula as duas dimensões da fala, diacrônica e sincrônica, mediante as operações da metonímia e da metáfora, respectivamente, como vimos. Na psicose, a sincronia domina o discurso. Isso fica claro se retomarmos o fenômeno elementar que Lacan designou “ritornelo” ou “estribilho”. Trata-se daquilo que foi aprendido de cor, inculcado pelo sujeito, e que é por ele repetido com uma ausência total de sentido. Podem ser refrões, palavras soltas ou mesmo onomatopéias que têm a propriedade comum de evidenciar na repetição mesma a sincronia, posto que não remetem a mais nada. O ritornelo aparece, pois, fora da diacronia do discurso.

Lacan (1955-1956/2008) menciona a frase simbólica, no que esta se articula sob a forma de

discurso. A frase simbólica mostra-nos que o monólogo interior aparece, para o sujeito, em continuidade com o que escuta como provindo do exterior. Assim, seria esse dizer simultaneamente interior e exterior, que permite a Lacan (1955-1956/2008) situar o inconsciente nesse lugar êxtimo. Se na psicose o Outro coincide com o outro especular, o discurso do Outro (inconsciente) pode ser enunciado pelo semelhante ou presentificar-se sob a forma de monólogo interior, uma vez que não houve recalque. Lacan estabelece, ainda, um contraponto entre delírio e discurso, ao referir que “assim como todo discurso, um delírio deve ser julgado em primeiro lugar como um campo de significação que organizou certo significante”. (Lacan, 1955-1956/2008, p. 144).

O discurso até então foi entendido por Lacan na perspectiva da articulação diacrônica dos elementos da cadeia significante. Foi no artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* que Lacan (1955-1956/1998) mencionou pela primeira vez a extração do *objeto a* como sendo o que confere sustentação ao campo da realidade na neurose. Isso possibilitou ir mais além dos conceitos da linguística que forneciam os elementos que subsidiavam seu entendimento do discurso. Com isso, não estamos dizendo que Lacan tenha abandonado concepções provenientes da linguística, tais como a metáfora e a metonímia, mas que uma nova leitura mostrou-se possível a partir da topologia.

No *Seminário 5: As formações do inconsciente*, a partir da análise das conseqüências da foraclosure do significante Nome-do-Pai à luz do Grafo do Desejo, Lacan antecipa elaborações posteriores, como o fora-do-discurso da psicose. Podemos observar, no grafo reproduzido abaixo, que o discurso cruza a cadeia significante precisamente no lugar do código (A). Se o discurso é condição do desejo, esse atravessamento da cadeia significante implica a transformação do desejo devido a seu encontro com o Outro do código. É a partir do cruzamento da cadeia significante que “se produz a refração do desejo pelo significante”. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 154). A possibilidade de desejar é instaurada por essa passagem que conduz ao segundo andar do grafo, onde o Outro aparece marcado pela barra. Já na psicose, ocorre que no momento do atravessamento do lugar do Outro (A), o discurso se rompe (//), então, o segundo andar do Grafo do Desejo não opera, e o desejo não se produz em sua dialética.

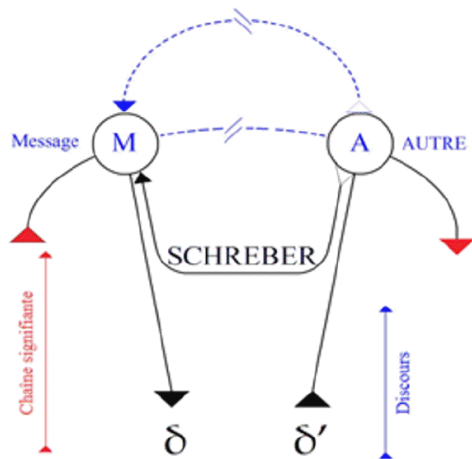


Figura 1 - Conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai no Grafo do Desejo. Fonte: Lacan (1957-1958/1999).

Lacan (1957-1958/1999) observa os circuitos possíveis de serem trilhados no Grafo do Desejo, na psicose, a partir do exemplo de Schreber. Na tentativa de restituir a ligação entre mensagem (M) e código (A), que se encontra rompida, Schreber se torna dependente das vozes que o interpelam sob a forma de alucinação. Ocorre que os significantes da língua fundamental (alucinados) são emitidos no nível do Outro enquanto elementos originais do código que, articulados, produzem uma significação total, que fundamenta a certeza do sujeito. Tais significantes, tomados isoladamente, colocam em evidência a dimensão enigmática da significação. A mensagem, ao não ser autenticada pelo Outro (devido à disjunção entre M-A), não promove o reconhecimento do sujeito, o que garantiria sua existência no Simbólico.

A escuta da psicose permite-nos supor que, embora de forma distinta da neurose de transferência, uma relação é proposta ao outro. Há, pois, uma participação da trama social, na medida em que há fala e compartilhamento da linguagem, ainda que não estejamos certos de tratar-se propriamente daquilo que Lacan designou por “laço social”. No final do *Seminário 16: De um Outro ao outro*, Lacan (1968-1969/2008) designa a estrutura do discurso como determinante do posicionamento do sujeito em sua relação com o outro, resultando em um laço social particular. Lacan propôs inicialmente quatro discursos que caracterizariam modalidades de laço

social: o discurso do senhor; o discurso da histeria, o discurso da universidade e o discurso do analista.

Discurso do senhor	Discurso da universidade	Discurso da histeria	Discurso do analista
$S_1 \rightarrow S_2$	$S_2 \rightarrow a$	$\$ \rightarrow S_1$	$a \rightarrow \$$
$\$ \parallel a$	$S_1 \parallel \$$	$a \parallel S_2$	$S_1 \parallel S_1$

Figura 2 - Os quatro discursos. Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 40).

A teoria dos discursos foi elaborada por Lacan a partir posição que ocupam quatro termos organizados de forma a compor um matema: \$ (sujeito barrado), S_1 (significante-mestre), S_2 (saber) e a (*objeto a*). A esquemática propõe a rotação circular dos quatro elementos, de forma a compor a engrenagem dos quatro discursos. O matema dos discursos supõe necessariamente o sujeito dividido para que opere seus efeitos. Trata-se da fundação do inconsciente sob a barra do recalque, que faz com que o sujeito reste dividido entre os significantes (entre saber e verdade, elucidará mais tarde Lacan). Na psicose a operação em causa é a forclusão do significante Nome-do-Pai. A barra do recalque, assim, não se funda, o que conduz Lacan a postular “o inconsciente a céu aberto da psicose”, que traz conseqüências como a perpetuação da alienação do sujeito ao Outro.

Partindo dessas considerações, passaremos à análise da pertinência de entender o “fora-do-discurso da psicose” como relacionado aos quatro discursos. Na lógica do matema dos discursos, Lacan (1971/2009), em seu *Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante*, dirá que o semblante está atrelado ao lugar do agente, pois é relativo ao posicionamento do sujeito gramatical (do enunciado) em determinada relação com o outro. Nessa situação, o laço social estaria estabelecido, visto que haveria um pacto entre um sujeito, que está em posição de quem demanda, e o outro, na condição daquele que é demandado. Sob essa perspectiva, o fora-do-discurso da psicose estaria atrelado à impossibilidade de sustentar o lugar de agente do discurso.

Na psicose, o sujeito pode ocupar a posição daquele que enuncia, na medida em que dirige palavras ao Outro ou dirige-se ao outro semelhante. A impossibilidade é de posicionar-se enquanto sujeito do discurso desde esse lugar de agente, isto é,

poder assumir um lugar Simbólico como efeito de sua fala. Lacan denomina essa posição de semblante. Na psicose falta o ponto de ancoragem Simbólica, a saber, a inscrição do Nome-do-Pai, que funcionaria como ordenador do posicionamento do sujeito no Simbólico, para além das suplências Imaginárias.

É em *O aturdido* que Lacan (1973/2003, p. 491) enuncia o “fora-do-discurso da psicose”, o que vem a ratificar a proposição de que na psicose o sujeito não pode posicionar-se desde um dos quatro discursos. Na psicose, há universo do discurso, há uma totalidade, há o saber sem falta, o que faz que o Outro saiba a respeito do sujeito. Se um significante falta (tal como ocorre na neurose e na perversão), então não há um universo do discurso, o que permite ao sujeito o trânsito por entre os discursos estabelecidos. Para tanto, é preciso que tenha ocorrido a extração do *objeto a* do campo do Outro, que o Outro esteja situado perante a Lei da Ordem Simbólica, que esteja marcado pela barra que aponta para sua incompletude. Correlativamente, o sujeito aparece dividido entre os significantes, condição para que o matema dos discursos esteja operando.

Lacan retoma, então, suas considerações acerca do discurso a partir da relação entre o dizer e o dito. Se tomarmos o discurso como estrutura, que, portanto, não é equivalente à fala, poderemos articular de que forma aparece implicado nessa relação. Para elucidá-la, Lacan (1973/2003, p. 448) parte da frase: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”. A estrutura do discurso determina a possibilidade de que haja um dizer que faça referência ao dito. Supõe que o falante possa se reconhecer em dois lugares: de sujeito do enunciado e de sujeito da enunciação. A enunciação como uma interpretação, um sentido, uma leitura do que foi dito como enunciado. Ou seja, o sentido, no só-depois, equivaleria a se reconhecer no que foi dito. Assim, o fora-do-discurso da psicose é correlato a um dizer esvaziado de sentido. Situar o discurso na psicose enquanto impossibilidade de posicionar-se a partir de um dos quatro discursos formalizados por Lacan traz implicações para a clínica psicanalítica das psicoses.

O fora-do-discurso da psicose: implicações para a escuta clínica

Buscaremos agora, a partir das articulações que realizamos em torno da menção de Lacan

(1973/2003, p. 492) do “fora-do-discurso da psicose”, interrogar as consequências dessa proposição para a escuta clínica. Considerar o fora-do-discurso como relativo à supressão do segundo andar do Grafo do Desejo ou como fora dos quatro discursos não é sem implicações para a prática psicanalítica. Cabe aqui a ressalva de que tais interpretações das peculiaridades do discurso na psicose não são mutuamente excludentes; trata-se, antes, de uma leitura do percurso teórico e metodológico de Lacan que nos permitiu analisar como a noção de discurso foi sendo construída e modificada, a partir da topologia, até que a objeção ao termo “discurso” para a psicose fosse enunciada por Lacan em 1973.

Como vimos, não podemos falar em laço social na psicose, tal como Lacan (1969-1970/1992) o definiu no *Seminário 17: O avesso da Psicanálise*, enquanto posicionamento a partir de um dos quatro discursos. Entretanto, isso não significa que não haja laço transferencial na psicose, o qual, embora distinto das neuroses de transferência, permitiu a Lacan (1955-1956/1998) enunciar um tratamento possível da psicose. Se a análise pressupõe uma colocação em ato do inconsciente por intermédio da transferência, então é presumível que o psicótico também reproduza na cena analítica sua posição perante o Outro. O Outro na psicose coincide com o outro especular, de modo que a perpetuação da alienação imaginária a um Outro absoluto, detentor do saber (sobre o sujeito), tende a reaparecer na situação de análise.

Diferentemente da neurose, em que a ignorância quanto ao próprio desejo é crucial no desenrolar da análise e o analista fica no lugar de Sujeito Suposto Saber, na psicose o sujeito testemunha a respeito desse Outro que o comanda, a despeito de sua vontade, e diante do qual fica na condição de objeto de gozo. A angústia de ver-se à mercê de um Outro onipotente, não barrado, aparece na cena analítica e o analista assume função de secretário, no sentido de uma disponibilidade para escutar o testemunho do sujeito a propósito dessa relação não dialética com o Outro. O analista não recusará essa demanda, ao contrário, interessa-se pelo que provém do Outro, pela estrutura desse ser que fala ao sujeito, posto que denuncia o inconsciente, embora o sujeito não se reconheça no discurso do Outro.

A hipótese estrutural de psicose é formulada pelo analista por intermédio da transferência, que denuncia a posição subjetiva do sujeito em sua

condição de exterioridade em relação aos quatro discursos. A transferência é maciça na psicose justamente por manifestar-se sem mediação, em uma relação direta com o analista, cujo lugar de alteridade é confundido com o do Outro. Ao analista cabe furtar-se da relação dual Imaginária, que o sujeito colocará em cena, uma vez que o reconhecimento Simbólico tanto do sujeito quanto do outro não ocorre na psicose. A transferência, quando sustentada no nível do Imaginário, coloca em cena a rivalidade especular, que se configura mortífera, posto que a existência de um fica condicionada à morte (subjativa) do outro.

Fica claro que na psicose não podemos falar em sujeito dividido, que surge na hiância, no intervalo entre o par significante $S_1 \rightarrow S_2$, se considerarmos a não extração do *objeto a* do campo do Outro. Não há como pensar, portanto, que o matema dos discursos possa sustentar a estrutura psicótica. O fora-do-discurso da psicose deve-se ao fato de que o discurso se define por uma posição Simbólica inconsciente, que remete à castração. A clínica das psicoses não se desenrola a partir do giro dos discursos, tal como observamos em relação à neurose. Na escuta da psicose, o analista, ao silenciar, evita ocupar o lugar de um Outro a quem o psicótico deve render-se aos caprichos. Além de oferecer ao sujeito o espaço necessário à enunciação de seu testemunho, evita contribuir com a imaginarização da relação dual alienante, que resulta na rivalidade narcísica. Assim, ao assumir seu lugar, o analista não se ofereceria ao sujeito como duplo imaginário (*a-a'*), furtando-se da colocação em cena da dinâmica da exclusão recíproca (*ou eu ou outro*).

Por fim, cabe observar que o analista não assume a posição de sujeito na clínica psicanalítica. Lacan deixa claro em seu artigo intitulado *A direção do tratamento e os princípios do seu poder* que o vínculo imposto ao analista na situação de análise é o de abnegação. Lacan estabelece, então, um contraponto entre a posição do analista e o lugar do morto no jogo de *Bridge*:

Cara fechada e boca cosida não tem aqui [a saber, na análise] a mesma finalidade que no bridge. Com isso, antes, o analista convoca a ajuda do que nesse jogo é chamado de morto, mas para fazer surgir o quarto jogador que do analisado será parceiro [o Outro, supomos], e cuja mão, através de seus lances o analista se esforçará por fazê-lo adivinhar: é esse o vínculo, digamos, de abnegação, imposto ao analista pelo cacife da partida de análise. [...] Mas o que há de certo é que

os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo: o do morto; e que, ao ressuscitá-lo, o jogo prossegue sem que se saiba quem o conduz. (Lacan, 1958/1998, p. 595).

O analista situa-se assim, mais propriamente, desde a sua falta-a-ser do que a partir de seu ser enquanto sujeito. Está em jogo na análise aquilo que o sujeito imputa ao analista, por intermédio da transferência, de modo que o Outro reaparece no contexto da análise, uma vez que a fala do sujeito é dirigida ao Outro. Não é uma falha na estrutura neurótica que determina uma estruturação psicótica. Trata-se, antes, de outra forma de estruturar a defesa contra a demanda do Outro, que ameaça a existência do sujeito para além do Real do corpo. Na clínica psicanalítica, entende-se que a demanda é intransitiva, pois “não implica nenhum objeto. [...] Somente o sujeito é transitivo. [...] Assim, o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida”. (Lacan, 1958/1998, p. 623-624).

Assim, seriam esses significantes que apontariam para o desejo que o sujeito renunciou ao buscar satisfazer a demanda do Outro. É por isso que a direção do tratamento é orientada pelos efeitos da demanda. Mas, diante da psicose, a questão preliminar relativa à posição do analista diz respeito à possibilidade de sustentar um lugar Outro que se configure para o sujeito menos ameaçador – de engano, de confrontação com a fragilidade da ancoragem Simbólica ou de imaginarização da relação dual especular que assume caráter mortífero. Para que isso seja possível, é preciso que a escuta clínica permita a sustentação do testemunho.

Na psicose o sujeito não está dividido pela operação de castração, não há a extração do *objeto a* do campo do Outro, de modo que o sujeito vê-se submetido a um Outro absoluto. Nesse aspecto, o sujeito não escapa da angústia (a própria definição da angústia como a falta da falta permite-nos aproximá-la da não extração do *objeto a*). Submetido a uma relação com um Outro que o mortifica, a própria existência do sujeito aparece ameaçada. Lacan (1955-1956/2008, p. 53) esclarece-nos que “é a respeito da estrutura desse ser que fala ao sujeito, que o paranóico lhes traz seu testemunho”. É assim que o analista assume a função de secretário do alienado.

Em *A direção do tratamento e os princípios do seu poder*, Lacan afirma que para a sustentação de seu lugar o analista tem que pagar um preço:

- pagar com palavras, sem dúvida, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação;
- mas pagar também com sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência;
- [...] ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser: [...] seria ele o único a ficar fora do jogo? (Lacan, 1958/1998, p. 593).

No que se refere às palavras que porventura o analista profira, há de se ter cuidado, especialmente na clínica das psicoses, posto que o sujeito vai escutá-las como provindo daquele que, para ele, encarnou o lugar do Outro. Assim, se o psicótico estiver dirigindo-se a um Outro absoluto, estas palavras podem adquirir o peso de uma imposição. Quanto a “pagar com sua pessoa”, isso é essencial para que o analista possa ocupar o lugar de secretário e fornecer suporte à transferência, a fim de que o analisando possa enunciar o testemunho de sua posição em relação ao Outro.

O testemunho do paranóico refere-se a esse empenho do Outro em dirigi-lo, em mantê-lo alienado e submetido a seus ditames, diante dos quais o sujeito vê-se sem saída, posto que dessa relação com o Outro depende sua própria existência. Desde seu lugar, o psicanalista aponta para a possibilidade de que o saber possa funcionar “como se fosse verdade”; considera a impotência do saber em abarcar a verdade do sujeito, a impossibilidade da existência de um Outro absoluto. A clínica das psicoses lança o analista nesse desafio de possibilitar a edificação de uma metáfora delirante viável socialmente, que assuma função de suplência a não inscrição do significativo Nome-do-Pai no registro do Simbólico e possibilite o trânsito pelo social.

Considerações finais

Se Freud contribuiu para a escuta das neuroses, Lacan ofereceu ferramentas para o exercício de uma escuta clínica em espectro mais amplo – tanto com

sua teoria dos discursos quanto com a consideração da possibilidade de um tratamento analítico da psicose. As contribuições de Lacan à teoria psicanalítica colocam ao alcance da clínica indicadores não mais centrados exclusivamente sobre o olhar para os fenômenos elementares – tal como propõe a Psiquiatria clássica –, mas que apontam em direção a uma escuta do sujeito em sua relação com o Outro. Então, não é a posição do analista que difere diante da neurose ou da psicose, mas aquilo que o sujeito imputa ao profissional da escuta, se a fala do sujeito supõe um Outro barrado ou absoluto.

A especificidade que observamos nas psicoses – a transferência maciça que o sujeito estabelece ao fazer coincidir o lugar do Outro e do outro e a relação sem dialética que atualiza no contato com o outro – aponta para a necessidade de um trabalho analítico mais amplo, que vai além do consultório do psicanalista. A partir das contribuições de Lacan, outros dispositivos foram progressivamente introduzidos na composição do tratamento das psicoses: o trabalho estruturado sob a forma de oficinas terapêuticas, as apresentações de pacientes, as ações interdisciplinares de atenção à saúde mental. Essas ações possibilitam não só a sustentação de um espaço onde o delírio e o testemunho do sujeito podem ser acolhidos, mas também um trânsito pelo social.

Referências

- Lacan, J. (1957-1958). Lição de 08.01.1958. In *Le Séminaire, Les formations de l'inconscient*. Recuperado em 10 de dezembro de 2011, de <http://staferla.free.fr/>
- Lacan, J. (1986). *O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar. p. 585-652. (Original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar. p. 537-590. (Original publicado em 1955-1956).

- Lacan, J. (1999). *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar. p. 449-497. (Original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 3: As psicoses*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Original publicado de 1971).